



REDE DE BIORREGIÕES ESTÁ EM EXPANSÃO EM PORTUGAL

O movimento de biorregiões, que dá primazia à gestão sustentável do território e se centra na agricultura biológica, é uma aposta em crescimento em solo nacional e que vai continuar a dar frutos. Actualmente há quatro biorregiões em Portugal, mas o número vai aumentar. Três das biorregiões portuguesas partilharam a sua experiência positiva com o NOVO

O conceito de biorregião ainda não é muito falado em Portugal, mas isso deve mudar gradualmente num futuro próximo. O movimento das biorregiões, que se reflecte na gestão sustentável de um território, acordada pela comunidade envolvente, e que tem por base a agricultura de produção biológica atravessa um momento de crescimento a nível global que pode ser atestado pelo interesse que tem gerado em terras lusas. Há quatro biorregiões portuguesas, que fazem parte da Rede Internacional de Biorregiões (INNER, na sigla em inglês). Situam-se no interior do país e a maioria está localizada no centro e no norte. Mas esse número vai aumentar rapidamente. Às biorregiões de Idanha-a-Nova, a pioneira em Portugal, Alto Tâmega (composta pelos concelhos de Chaves, Valpaços, Vila Pouca de Aguiar, Ribeira de Pena, Montalegre e Boticas), São Pedro do Sul e Margem Esquerda do Guadiana (concelhos de Barrancos, Mértola, Serpa, Mourão e Moura) vai juntar-se, já no dia 16 deste mês, a região de Lagos do Sabor (municípios de Alfândega da Fé, Torre de Moncorvo, Macedo de Cavaleiros e Mogadouro), como revela ao NOVO o responsável da Rede Internacional das Biorregiões em Portugal, Custódio de Sousa Oliveira, que acrescenta não faltarem interessados. "O processo para a adesão do Tâmega e Sousa decorre há dois ou três anos. São muitos municípios e é preciso uma logística muito mais complexa. Temos a zona entre os municípios de Sabrosa e de Vila Real, também já há trabalho feito, os Açores e a Madeira. A integração está muito viva, mas todos com processos diferentes. Uns na fase inicial, outros mais avançados", diz, prevendo que "no espaço de um ou dois anos devemos ter duplicado a rede em Portugal, ou até mais do que isso."

O movimento das biorregiões teve origem em Cilento, Itália, em 2004. Desde então, expandiu-se. Em termos mundiais, existem nesta altura mais de 1300 biorregiões, das quais mais de 70 são na Europa. Itália, o país onde nasceu o movimento, é um



→ importante foco. Suíça e Alemanha são duas nações com boa implementação, sendo de destacar o crescimento que começa a verificar-se em Portugal. Após a certificação de um município ou território para integrar a Rede Internacional de Biorregiões, há trabalho que deve ser desenvolvido permanentemente. “Uma biorregião nunca está parada. É um caminho que se vai fazendo de forma constante, vai evoluindo e vão surgindo coisas novas”, nota Custódio de Sousa Oliveira.

Oportunidades e promoção

A experiência das biorregiões ainda tem poucos anos em Portugal. A primeira biorregião a surgir foi a de Idanha-a-Nova, em 2018. E o impacto neste concelho tem sido positivo. “A integração de Idanha-a-Nova na Rede Internacional de Biorregiões criou um conjunto de oportunidades para os produtores e empresários locais. Tem permitido uma promoção articulada do território e dos seus produtos biológicos, a nível nacional e internacional, com ganhos de escala e projecção em vários mercados”, afirma ao NOVO o Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Idanha-a-Nova (CMCD), a instituição concelhia responsável por este projecto. A visibilidade gerada é outro dos benefícios salientados. “A classificação de biorregião possibilita também ganhar notoriedade, beneficiar de uma rede internacional e captar investimento, o que se reflecte em números muito favoráveis de criação de novas empresas”, frisa o CMCD. Os dados desta associação de desenvolvimento de Idanha-a-Nova mostram que a produção biológica local ocupa 17 492 hectares, correspondentes a 20,7% da superfície agrícola total do concelho. “É a maior proporção de área em modo de produção biológico em todo o país”, assinala. A adesão à rede de biorregiões também tem contribuído para a criação de postos de trabalho, como refere ao NOVO David Machado, o presidente da direcção da Rota do Guadiana, a associação responsável pela biorregião da Margem Esquerda do Guadiana. “Efectivamente, a agricultura biológica tem crescido neste espaço geográfico quer ao nível das produções pri-

márias, quer das produções transformadas. Em consequência, são e foram criados empregos nestes sectores.”

Em São Pedro do Sul, “a ideia da adesão foi fixar a população, atrair nova população e potenciar o que temos de melhor em termos agrícolas e de boas práticas, para que esse rendimento extra que se vai criar fique no concelho”, explica, em declarações ao NOVO, o vereador da Câmara Municipal de São Pedro do Sul António Casais, que descreve a integração na rede de biorregiões como uma “grande mais-valia”. O vereador sublinha que a agricultura biológica é “um elo de uma cadeia mais vasta” e enfatiza o impacto que a certificação como biorregião também teve num sector importante para São Pedro do Sul como é o turismo, que gira em função das termas. António Casais lembra que há, actualmente, uma maior procura por produtos biológicos e por uma alimentação mais saudável, e que alguns jovens têm regressado às terras do concelho para trabalharem na agricultura biológica.

As três biorregiões portuguesas concordam que a aposta na integração nesta rede foi bem-sucedida. “É uma aposta ganha por todo o valor que tem trazido para Idanha, uma valia que pode ser medida pelos resultados na economia, mas que vai muito além disso”, adianta o Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Idanha-a-Nova. Exemplo disso mesmo é o facto de Idanha-a-Nova ter sido uma das finalistas ao prémio na categoria das Biorregiões/Biodistritos dos EU Organic Awards. “Só podemos ficar muito satisfeitos por saber que o trabalho que é desenvolvido em Idanha está a ser reconhecido pela Comissão Europeia”, realça o CMCD. Embora o caminho esteja a ser traçado com resultados já positivos no município de São Pedro do Sul, o vereador António Casais alerta que ainda há passos que têm de ser dados. “Ainda não subimos a escadaria toda, é um processo que se está a sedimentar”, afirma, recordando os efeitos da pandemia. “Estes anos da pandemia não vieram ajudar nada, no nosso concelho e de uma forma geral. Esta paragem veio criar alguma entropia, mas



FOTO CEDIDA

NOTAS

Produção biológica em Idanha-a-Nova corresponde a 20,7% da superfície agrícola total do concelho. É a maior proporção de área em modo de produção biológico em Portugal

São Pedro do Sul destaca que há jovens a regressarem ao concelho para trabalharem na agricultura biológica

Agricultura biológica tem crescido na Margem Esquerda do Guadiana quer ao nível das produções primárias, quer das produções transformadas, gerando criação de emprego

Há mais de 1300 biorregiões em todo o mundo

Na Europa há mais de 70 biorregiões, em países como Itália, Alemanha, Suíça, França, Áustria ou Espanha

a semente já estava lá e está a germinar. Acho que vai dar muitos frutos”, considera.

Resposta a desafios actuais

As biorregiões têm em conta os desafios criados pelas alterações climáticas e dão ênfase à sustentabilidade e ao aproveitamento dos recursos locais. Este é um dos desafios prementes a que o conceito das biorregiões dá resposta. Há outro que salta à vista devido à crise económica que vivemos e ao qual o modelo económico idealizado numa biorregião também responde. “A crise actual veio dar voz ao que se defende no âmbito da biorregião: é o desenvolvimento territorial, criar uma economia local e circular, fixar as pessoas nos seus locais, valorizar o terri-

As biorregiões têm por base a agricultura biológica. Querem fomentar uma alimentação saudável e valorizar territórios e produtos locais

tório e os seus produtos. Na crise que estamos a viver, quem não olhar para o seu quintal vai pas-sar por muitas dificuldades, sem dúvida. Nós notamos isto quando há crises globais, mas o nosso objectivo de base foi alertar para estes problemas”, ressalva Custódio de Sousa Oliveira. Já David Machado exemplifica com o que aconteceu durante a pandemia, em que “foi possível manter as cadeias de abastecimento acti-vas graças, em muito, à produção agrícola nacional”. “Natu-

O conceito de biorregião

O que é uma biorregião?

Trata-se de uma área geográfica que estabelece um acordo de gestão sustentável do seu território e que tem como base a agricultura biológica, embora não exclua qualquer tipo de agricultura desde que seja sustentável. O acordo de gestão sustentável estabelecido para criar uma biorregião envolve toda a comunidade: agricultores, produtores, consumidores, o poder local, operadores turísticos e escolas.

Como funciona?

Uma vez que assenta na agricultura biológica, o território deve ter uma base de produção agrícola biológica, em que os agricultores e os produtores devem ser capazes de satisfazer as necessidades dos consumidores através do pequeno comércio, mercados, restaurantes, hotéis, hospitais, lares e cantinas escolares. O poder local é responsável por implementar e dinamizar as biorregiões. Esta é a rede que suporta o conceito da biorregião.

Quais são os objectivos?

Os objectivos das biorregiões passam pelo fomento das boas práticas de agricultura sustentável, a promoção dos territórios, a valorização dos recursos e a promoção dos produtos locais, o incentivo a uma alimentação mais saudável, com predomínio dos produtos bio, e a criação de valor e riqueza para os territórios e para as populações. Um dos objectivos neste projecto passa também por fixar as pessoas que vivem nestes territórios e torná-los mais apetecíveis para trazer mais pessoas para o concelho ou região.

Quais as vantagens de ser uma biorregião?

A visibilidade nacional e internacional gerada por pertencer à rede de biorregiões. O valor económico que acrescenta é outro ponto vantajoso. Também são destacados os benefícios para a saúde a médio/longo prazo pela aposta numa alimentação saudável.

Descomplicadamente

A grande reunião da psicologia



Ana Luísa Conduto

Decorreu nos últimos dias do mês de Setembro, na magnífica cidade de Aveiro, aquela que se perspectivou como a maior reunião de psicólogos realizada este ano em Portugal. De acordo com a Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP), eram esperadas 1500 pessoas, mas, este ano, não apenas profissionais de psicologia, pois também era possível, pelo valor de 120 euros, qualquer outra pessoa ter acesso ao congresso.

Haverá quem discorde e quem concorde. Eu concordo que a psicologia e os seus profissionais devem estar abertos a discussões públicas e partilha de informação, aquilo a que chamamos psicoeducação, assim como acho essencial que existam momentos exclusivos para a reflexão e aprendizagem da classe. Mas o mais importante, a meu ver, será que todas as psicólogas e os psicólogos interessados possam participar nestes encontros, o que não terá acontecido este ano.

É justo que, aqui, o leitor questione o interesse deste artigo para a população em geral, e esclareço de imediato que o mesmo se prende com a forma como as políticas públicas continuam a reflectir uma atitude contrária à apregoada pelos dirigentes políticos.

A ordem, que está na alçada do Ministério da Saúde, teve na sua sessão de abertura o ministro da Educação, que nos falou tanto da importância da prevenção na saúde mental como da sua perspectiva sobre a importância da psicologia no contexto escolar – música para os nossos ouvidos.

Do que ele não falou foi dos cortes no subsídio de educação especial, no impacto que isso já está a ter nas crianças que dele necessitam, bem como nos profissionais de psicologia que, trabalhando com este subsídio, se antecipam na prestação do serviço ao pagamento do Estado e agora se deparam com pedidos atrás de pedidos recusados. Mas, em defesa do sr. ministro, também ninguém o questionou.

No primeiro dia do congresso, o sr. bastonário deu uma entrevista ao NOVO, em que falou e sublinhou o défice de respostas no SNS à saúde mental dos portugueses, explicando como a crise económica tenderá a potenciar o número de pessoas que não conseguem pagar uma alternativa no privado. Mas, mais uma vez, parece que o Governo não valoriza nem a psicologia e os seus profissionais, nem a saúde mental dos portugueses. De outra forma, teria o Ministério da Saúde ou o recém-indicado CEO da Saúde marcado presença neste importante evento. Apesar dos esforços que a OPP fez, durante a pandemia, para colaborar no marketing político do Governo, contribuindo para a criação de uma linha de emergência de saúde mental, nem assim o SNS compreendeu a importância da psicologia.

Por último, em jeito de balanço, partindo da reflexão do vídeo de abertura, que retratava o impacto da pandemia na saúde mental, em que o isolamento teve um enorme peso no bem-estar da maioria de nós, também o nosso congresso, provavelmente imbuído do espírito de avanço tecnológico, se esqueceu da importância das relações humanas quando só permitia a interacção entre público e oradores através de uma aplicação, apesar de todos estarem reunidos na mesma sala... Desafios de inovar sem desumanizar!

Psicóloga e jurista
anaconduto@psilexis.pt